

[Ciber]feminismo: uma ferramenta de resistência híbrida para construção de espacialidades inclusivas

Cyber-feminism: a hybrid resistance tool for building inclusive spatialities

Thaysa Malaquias

RESUMO

As novas tecnologias de comunicação, especialmente as redes sociais, transformaram a maneira como o feminismo se articula e se expressa. Donna Haraway, no Manifesto Ciborgue (1984), introduziu a ideia de que a identidade não deve ser fixa, propondo o ciborgue como um modelo de identificação que enfatiza a afinidade sobre categorias rígidas. Isso se tornou relevante na análise crítica da relação entre tecnologia e feminismo, reconhecendo que a tecnologia carrega valores e preocupações de seus criadores. O coletivo VNS Matrix, fundado em 1991, destacou-se por criar arte e intervenções que desafiavam noções que perpetuavam a subordinação das mulheres. O ciberfeminismo, embora tenha variações globais, incluindo no Brasil e América Latina, compartilha a busca por uma nova política de identificação baseada em afinidades e reflexões críticas sobre as desigualdades de gênero. O coletivo brasileiro CEMINA, por exemplo, focou em compreender as realidades das mulheres brasileiras em relação à tecnologia, em consonância com os princípios de Haraway. O objetivo deste artigo é analisar o ciberfeminismo, um movimento diverso que aborda questões de identidade de gênero e ativismo no contexto digital. Também explora a relação entre ciberfeminismo, arte e tecnologia e destaca desafios no ambiente digital, enfatizando a interseção entre o ativismo on-line e off-line na luta feminista contemporânea. Este estudo abordará a influência da perspectiva de gênero na construção de espaços, tanto físicos quanto virtuais. O ciberfeminismo busca criar espaços inclusivos e promover intervenções no espaço urbano a partir de manifestações originárias do ciberespaço.

Palavras-chave: Ciberfeminismo; Ciberespaço; Arte Feminista; Ativismo; Espaços Sociais.

Thaysa Malaquias

Universidade Federal do Rio de Janeiro | Rio de Janeiro | Brasil. thaysa.malaquias@fau.ufrj.br
<https://orcid.org/0009-0006-7520-9070>

<https://doi.org/10.46652/runas.v4i8.133>
ISSN 2737-6230
Vol. 4 No. 8 julio-diciembre 2023, e230133
Quito, Ecuador

Enviado: septiembre 21, 2023
Aceptado: noviembre 27, 2023
Publicado: diciembre 14, 2023
Publicación Continua

ABSTRACT

New communication technologies, especially social networks, have transformed the way feminism articulates and expresses itself. Donna Haraway, in *The Cyborg Manifesto* (1984), introduced the idea that identity should not be fixed, proposing the cyborg as a model of identification that emphasizes affinity over rigid categories. This has become relevant in the critical analysis of the relationship between technology and feminism, recognizing that technology carries the values and concerns of its creators. The VNS Matrix collective, founded in 1991, stood out for creating art and interventions that challenged notions that perpetuated the subordination of women. Cyberfeminism, although it has global variations, including in Brazil and Latin America, shares the search for a new politics of identification based on affinities and critical reflections on gender inequalities. The Brazilian collective CEMINA, for example, has focused on understanding the realities of Brazilian women in relation to technology, in line with Haraway's principles. The aim of this article is to analyze cyberfeminism, a diverse movement that addresses issues of gender identity and activism in the digital context. It also explores the relationship between cyberfeminism, art and technology and highlights challenges in the digital environment, emphasizing the intersection between online and offline activism in the contemporary feminist struggle. This study will address the influence of the gender perspective on the construction of spaces, both physical and virtual. Cyberfeminism seeks to create inclusive spaces and promote interventions in urban space based on manifestations originating in cyberspace.

Keywords: Cyberfeminism; Cyberspace; Feminist Art; Activism; Social Spaces.

Introduction

A ascensão das tecnologias de comunicação inaugurou uma era de transformações profundas na organização dos movimentos sociais, revitalizando-os e democratizando seu alcance. Especificamente no contexto do feminismo, as redes sociais se destacam como um catalisador da emergência de novos paradigmas discursivos, linguísticos e conceituais. Atualmente, a internet e outras ferramentas tecnológicas não são meramente ferramentas para discutir as complexas questões relacionadas à condição feminina; elas também desempenham um papel fundamental na mobilização política, por meio de textos, blogs, vídeos e manifestações artísticas (Malaquias, 2016).

Por outro lado, o fenômeno da midiática caracteriza-se pela presença ubíqua da comunicação mediada por dispositivos tecnológicos, exercendo influência constante sobre a vida cotidiana. O ciberespaço, como componente integral dessa midiática, possibilita uma nova forma de sociabilidade contemporânea, que não substitui, mas complementa a realidade. Essa onipresença da mídia reconfigura nossas interações sociais, gerando novas maneiras de nos relacionarmos uns com os outros.

Embora o ciberfeminismo seja frequentemente associado a um movimento recente, é surpreendente descobrir que suas raízes remontam à década de 1980. O que presenciamos hoje é uma evolução e uma nova manifestação desse movimento. Marina Gazire Lemos, em sua dissertação de mestrado intitulada "Ciberfeminismo: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas" (2009) na área de Comunicação Semiótica, destaca que essa prática já estava em desenvolvimento em diversas redes eletrônicas, incluindo as BBS e Intranets acadêmicas da Austrália e Alemanha, muito antes da amplamente conhecida World Wide Web (WWW). Essas raízes pioneiras do ciberfe-

minismo enfatizam sua importância histórica e sua capacidade de adaptação às transformações tecnológicas e sociais ao longo do tempo. O pioneirismo dessas primeiras interações virtuais entre mulheres reverbera nas manifestações contemporâneas desse movimento, como será explorado a seguir.

Methods

A metodologia adotada para a elaboração deste estudo é fundamentada em uma abordagem interdisciplinar que incorpora uma revisão abrangente da literatura relacionada ao ciberfeminismo. A revisão literária abrange obras de autoras amplamente reconhecidas por suas contribuições no campo do ciberfeminismo, permitindo uma análise crítica de sua influência e impacto. Além disso, esse estudo realiza um levantamento de dados sobre movimentos ciberfeministas históricos, explorando seu desenvolvimento ao longo do tempo.

A pesquisa também concentra sua atenção nas adaptações e evoluções do ciberfeminismo na América Latina, com destaque especial para o cenário brasileiro. Esse foco regional permite uma análise contextualizada das dinâmicas do ciberfeminismo, considerando as influências culturais, sociais e políticas específicas da região.

A abordagem metodológica adotada neste estudo é predominantemente qualitativa. Isso implica uma análise detalhada e interpretativa das narrativas, discursos e ações do ativismo ciberfeminista. A pesquisa se concentra em compreender como as questões de gênero e tecnologia são abordadas no contexto do ciberfeminismo regional e global, bem como na análise das estratégias e táticas empregadas por esses movimentos.

Ao combinar uma revisão aprofundada da literatura com uma análise qualitativa das manifestações do ciberfeminismo, visando oferecer uma compreensão abrangente das dinâmicas desse movimento em escala global e regional. Isso permitirá uma avaliação crítica de seu impacto e relevância nas esferas acadêmica, política e cultural, bem como uma análise das perspectivas futuras desse campo multidisciplinar em constante evolução.

Development

O que é o Ciberfeminismo? Da Gênese de Donna Haraway para os dias atuais

Podemos afirmar que a responsável pela origem do termo “ciberfeminismo” foi o artigo da bióloga, filósofa e escritora Donna Haraway, *Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*, originalmente publicado na *Socialist Review* em 1985. Esse ensaio descreve a crise identitária enfrentada pelos movimentos sociais, em particular o movimento feminista, e destaca a influência das novas tecnologias nesse contexto. Os conceitos desenvolvidos por Haraway são essenciais para a compreensão da teoria ciberfeminista, e fornecem uma ampla análise das interseções entre o feminismo e as novas tecnologias.

Segundo a autora, “Este ensaio é um esforço para construir um mito político, pleno de ironia, que seja fiel ao feminismo, ao socialismo e ao materialismo” (Haraway, 2000, p. 35). Nesse sentido, Haraway (1985), critica o marxismo, o feminismo radical e outros movimentos sociais por sua incapacidade de trabalhar com categorias como classe, raça e gênero de maneira abrangente. Ela questiona especialmente a forma como o movimento feminista tratava a categoria “mulher” de forma naturalizada. Para Haraway (ibidem), era imperativo romper com a noção essencialista de “ser mulher” e compreender a identidade como uma coalizão política baseada em afinidades, não em identificações concebidas como “naturais”. Nesse contexto, o conceito de “ciborgue” emerge como um modelo para essa nova política identitária. A autora concebe o ciborgue como a fusão de animal e máquina, representando nossa relação com dispositivos eletrônicos e digitais.

As preocupações feministas estão dentro da tecnologia, não são um simples verniz retórico. Estamos falando de coabitação: entre diferentes ciências e diferentes formas de cultura, entre organismos e máquinas. Penso que as questões que realmente importam (quem vive, quem morre e a que preço) – essas questões políticas – estão corporificadas na tecnocultura. Elas não podem ser resolvidas de nenhuma outra maneira. (Haraway apud Kunzru, 2009, p. 28)

Haraway (1985), criticava veementemente o discurso de naturalização associado ao conceito de “ser mulher”, que historicamente perpetuou uma ideologia que considerava as mulheres como intrinsecamente “naturalmente” fracas, submissas, excessivamente emocionais e incapazes de serem racionais. Essa construção ideológica sustentava a crença de que as mulheres eram destinadas à maternidade em vez de assumirem papéis executivos, e que preferiam tarefas domésticas em vez de buscar educação em campos como a Física. Essa visão essencialista restringia a capacidade de mudança e progresso, o que tornava qualquer esforço de engajamento sem sentido. Contudo, a autora rejeitava essa concepção, argumentando que a noção de “natureza feminina” era uma criação social construída dentro do contexto patriarcal. Assim, ela defendia a importância do feminismo em dismantelar não apenas os discursos naturalizantes, mas também os que biologizavam as desigualdades de gênero.

Diferentemente da identidade “mulher” de algumas correntes do movimento das mulheres brancas estadunidenses, não existe, aqui, qualquer naturalização de uma suposta matriz identitária: essa identidade é o produto do poder da consciência de oposição. (Haraway, 2000, p. 49)

Donna Haraway (ibidem) não se percebe como diferente ou especial quando se autodefine como ciborgue. Em sua visão, as realidades da vida moderna estabelecem uma intimidade tão profunda entre as pessoas e a tecnologia que não é mais possível discernir onde terminamos e onde as máquinas começam. Sua célebre declaração “prefiro ser uma ciborgue a ser uma deusa” desafia a concepção feminista tradicional que considera ciência e tecnologia como pragas patriarcais que assolam a superfície da natureza. Como ciborgue, Haraway reconhece-se como um produto da ciência e da tecnologia; portanto, ela questiona a relevância do chamado “feminismo da deusa”, que propõe que as mulheres só encontrarão liberdade ao se desvincularem do mundo moderno e redescobrirem sua suposta conexão espiritual com a “Mãe Terra” (Kunzru, 2009).

Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo. Os movimentos internacionais de mulheres têm construído aquilo que se pode chamar de “experiência das mulheres”. Essa experiência é tanto uma ficção quanto um fato do tipo mais crucial, mais político. A libertação depende da construção da consciência da opressão, depende de sua imaginativa apreensão e, portanto, da consciência e da apreensão da possibilidade. O ciborgue é uma matéria de ficção e também de experiência vivida – uma experiência que muda aquilo que conta como experiência feminina no final do século XX. Trata-se de uma luta de vida e morte, mas a fronteira entre a ficção científica e a realidade social é uma ilusão ótica. (Haraway, 2009, p. 36)

No artigo *Ciborgues e Ciberfeminismos no Tecnocapitalismo*, Cláudia Pereira Ferraz (2019), destaca que a conceptualização de “ciborguismo”, apresentado por Donna Haraway no *Manifesto Ciborgue*, inspirou os ciberfeminismos em suas essências. Para Ferraz (2019), o ciborgue é visto como uma entidade blasfema, irônica e incompleta, que mina as categorias valorizadas pela sociedade ocidental. Ele é uma construção que mescla o humano e o animal com o orgânico e o tecnológico, sendo considerado desleal e insurrecional no contexto capitalista/patriarcal. Para a autora, a apropriação das tecnologias de comunicação online pelos feminismos permite visualizar diferentes visões sobre o mundo e intervir nos padrões de objetificação, e que Haraway defende a utilização da metáfora para investigar os aparatos tecnológicos em que estamos inseridos, enriquecendo a produção científica.

Ferraz (2019), nos adiciona que, no tecnocapitalismo, o ciborgue assume o papel de sujeito pós-moderno de guerrilha, usando as qualidades do inimigo para seus próprios fins ideológicos e subversivos. Há fluxos no tecnocapitalismo que ambicionam uma revolução tecno-orgânica, cooptando e subvertendo os valores tradicionais em busca de outro conceito de progresso histórico e intelectual. Ela destaca a importância de refletir sobre os processos de estudo científico dos ciberfeminismos, considerando os saberes localizados em conversas e códigos feministas. Esses saberes contribuem para a compreensão dos significados possíveis e estimulam a revisão dos valores sociais no cotidiano do tecnocapitalismo. A autora aponta para a leveza das máquinas, como smartphones com câmeras de vídeo, que se tornaram uma realidade, emitindo luzes e sinais eletrônicos e representando fragmentos da intensa dor humana no mundo conectado à internet.

Com isto, a autora assevera que a transgressão de fronteiras, proposta pela metáfora ciborgue, está baseada na fusão das possibilidades entre objetos e pessoas no trabalho político, superando dualidades como mente e corpo, animal e máquina, idealismo e materialismo nas ações sociais e digitais. As tecnologias de comunicação online apropriadas pelos feminismos servem como elo entre grupos, permitindo resistir aos valores patriarcais nas redes sociais e nas ruas. Esse contexto capacita as subjetividades das novas gerações a adotar significados que envolvem questões sociais e de gênero, desafiando hierarquias, dominação e poder.

Ciberfeminismo, manifestações e a arte feminista desde os anos 1990

No livro “CyberFeminism: connectivity, critique, and creativity,” as autoras Susan Hawthorne e Renate Klein (1999) abordam a diversidade de perspectivas dentro do ciberfeminismo, concentrando-se em aspectos específicos. Elas reconhecem a existência de diferenças de poder entre mulheres e homens no discurso digital e ressaltam o desejo das Ciberfeministas de alterar essa situação. A forma como essas discrepâncias de poder se manifestam e os elementos enfatizados variam de acordo com o contexto. Ademais, as estratégias adotadas pelas ativistas para desafiar esse sistema são moldadas pelos interesses e competências das mulheres envolvidas. O Ciberfeminismo é concebido como uma filosofia política que estimula a ação no mundo real, demonstrando inclusividade e respeito pelas diversas tradições culturais das mulheres.

Em seu texto *On the Matrix: Cyberfeminist Simulations*, Sadie Plant (1996), explora a relação entre ciberfeminismo, ciberespaço e tecnologia. A autora enfatiza como o ciberfeminismo não é apenas sobre observar tendências tecnológicas, mas também sobre questionar a dominação masculina no ciberespaço. O ciberfeminismo “é uma insurreição dos bens e materiais do mundo patriarcal, uma emergência dispersa, distribuída, composta por links entre mulheres, mulheres e computadores, computadores e links de comunicação, conexões e redes conexonistas” (Plant, 1996, p. 335).

Plant (ibidem) argumenta que o ciberespaço está mudando a lógica patriarcal, mostrando como as qualidades anteriormente definidas como femininas estão se alinhando com as novas máquinas. A autora também ressalta a importância de reconhecer a tecelagem, considerada um ofício feminino, como uma contribuição ignorada para a história da tecnologia, desafiando a narrativa dominante centrada no ser humano e na agência masculina. Ao apresentar a tecelagem como um processo contínuo e uma simulação que se replica, a autora desafia a ideia de uma história linear e unicamente masculina da tecnologia. Essa visão se relaciona diretamente com a arte feminista, que busca resgatar e valorizar as contribuições das mulheres para a história da arte e questionar a dominação masculina nos campos artísticos e tecnológicos.

Na arte feminista, a tecelagem pode ser vista como uma metáfora poderosa para a forma como as mulheres têm tecido suas próprias histórias e expressões artísticas, muitas vezes de forma invisível e negligenciada. Assim como a tecelagem é um processo contínuo que se replica, a arte feminista também é um movimento em constante evolução, com conexões e influências que se propagam por diferentes gerações e culturas. A arte feminista busca romper com a ideia de uma história da arte dominada por homens, destacando artistas e práticas que foram historicamente marginalizadas e subvalorizadas.

O ciberespaço, embora dominado por homens e projetado com intenções masculinas, está sendo desafiado pelas mulheres que invadem os circuitos e exploram sua pós-humanidade. Sadie Plant (1996), destaca o surgimento do “vírus ciberfeminista” nos anos 90, com o grupo VNS Matrix (Figura 1), um grupo australiano formado por quatro mulheres; Josephine Starrs, Julianne Pierce, Francesca da Rimini e Virginia Barratt, que desafia o controle patriarcal por meio de manifestos e obras de arte. Destaca, dentre elas, a mais impactante, *A Cyberfeminist Manifesto for the 21 Century*, de 1991 (Figura 2), produzida e exibida como um outdoor digitalizado em uma movimentada rua da cidade de Sidney.

O artigo *Slimy metaphors for technology: 'the clitoris is a direct line to the Matrix'*, de Jyanni Steffensen (1998), explora fantasias futuristas e a instalação de arte eletrônica *ALL NEW GEN* realizada em 1993 pelo VNS Matrix. A instalação incluía um jogo de computador, vídeo e manifesto ciberfeminista (Figura 3). O foco é na afirmação da VNS Matrix de que “o clitóris é uma linha direta para a Matrix”, reconfigurando a sexualidade feminina como um “falo” de raio laser, desafiando discursos tecnófilos e tecnofílicos da ficção cyberpunk. A instalação reestrutura a sexualidade feminina através de fantasias futuristas, codificando o clitóris como um “falo” de raio laser—um símbolo de poder e conexão direta—dentro da Matrix ciberespacial. A autora também explora teorias feministas além dos mitos e práticas culturais psicanalíticas, a partir dos conceitos de “tecnologias do sexo” de Michel Foucault e das “máquinas desejantes” de Gilles Deleuze.

As teóricas ciberfeministas imaginam uma relação diferente entre mulheres e tecnologia, rejeitando o dualismo hierárquico entre megamáquinas dominantes e corpos submissos. Elas sugerem uma aliança subversiva entre mulheres e atividades inteligentes não humanas. O corpo ciborgue, de acordo com as ideias de Donna Haraway (1985), está localizado na interação de superfícies, intertextos e dialogismos genéricos, rejeitando o mito da unidade original e abraçando a parcialidade, ironia, perversidade e intimidade.

Figura 1: Obra Infiltrate – VNS Matrix (1994) em uma integração da arte com suas participantes.



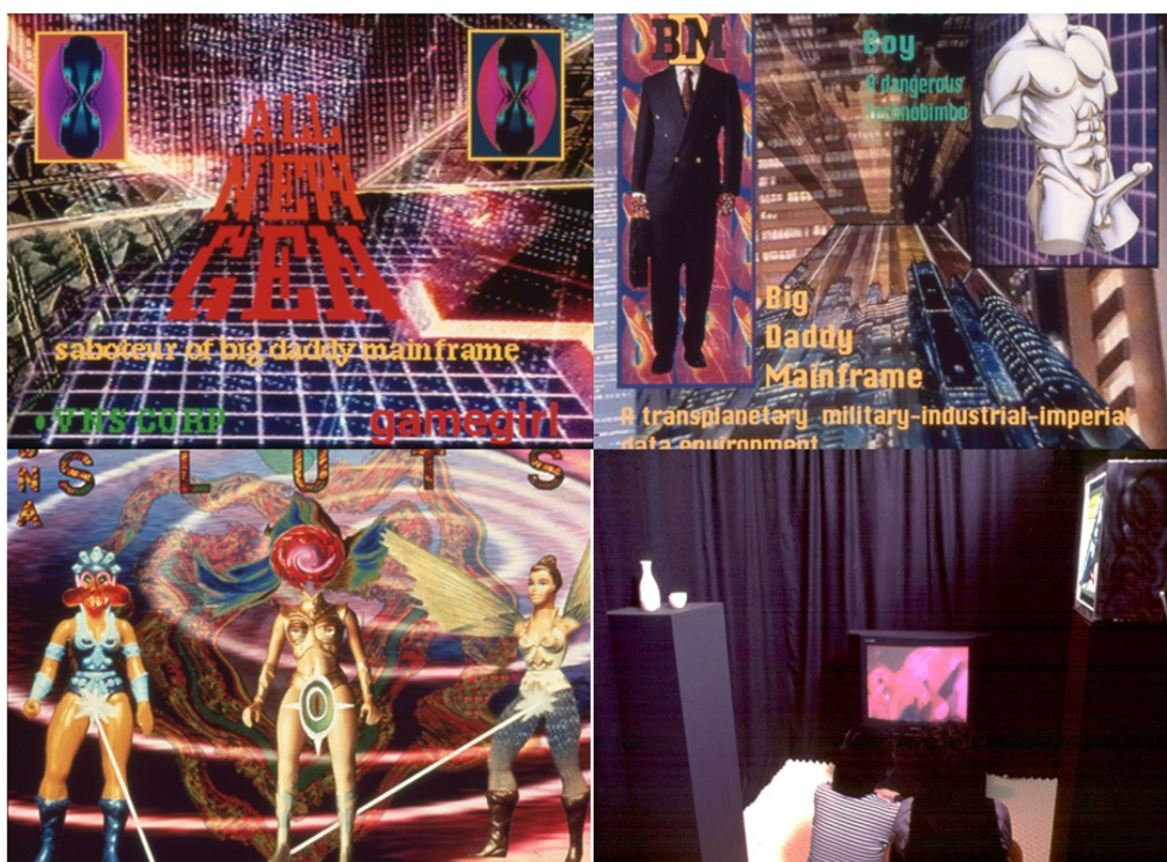
Fonte: <http://vnsmatrix.net/>

Figura 2: O outdoor de The Cyberfeminist Manifesto for the 21st Century, por VNS Matrix, 1991.



Fonte: vnsmatrix.net.

Figura 3: Elementos do hipotético jogo de computador All New Gen/Big Daddy Mainframe e Circuit Boy /DNA SLUTS e pessoas interagindo com o vídeo da exposição – Um mosaico de imagens digitais e fotografias da exposição. Por VNS Matrix (1993).



Fonte: <https://vnsmatrix.net/projects/all-new-gen>.

Também devemos destacar o surgimento do grupo Old Boys Network (OBN), que marcou o início de uma aliança ciberfeminista em caráter internacional. O grupo foi fundado em 1997 em Berlim, permanecendo ativo até o ano de 2001. Sob o termo ‘Ciberfeminismo’, o OBN contribuiu para o discurso crítico sobre novas mídias, especialmente os aspectos de gênero. A organização se dedicou a se apropriar, criar e disseminar múltiplos ciberfeminismos. Por meio de plataformas reais e virtuais, o OBN proporcionou espaços para que ciberfeministas pesquisem, experimentem, se comuniquem e ajam, com a meta de oferecer uma presença contextualizada para diversas abordagens interdisciplinares do ciberfeminismo.

No mesmo ano de sua fundação, o grupo publicou o manifesto *100 Anti-Theses of Cyberfeminism* e organizou a Primeira Conferência Internacional Ciberfeminista, que foi seguida por outras duas importantes conferências em Rotterdam (1999), e Hamburgo (2001). O manifesto contém uma série de declarações provocativas e subversivas em uma definição sobre o que o ciberfeminismo não seria. As “100 Anti-Theses” são uma coletânea de declarações elencadas de um a cem, que abordam temas como a dominação masculina no ciberespaço, a exploração da imagem da mulher na cultura digital, a relação entre a tecnologia e o corpo feminino, e a luta por igualdade e emancipação. Recentemente, o Instituto de Arte Contemporânea de Londres celebrou o vigésimo aniversário da Primeira Conferência Internacional Ciberfeminista com um evento de cinco dias chamado *Post-Cyber Feminist International*.

O artigo de Faith Wilding¹, *Where is Feminism in Cyberfeminism?* (1998), reflete sobre a importância da Primeira Conferência Internacional Ciberfeminista e os desafios de definir o ciberfeminismo. Ele explora a ambivalência em relação ao feminismo histórico, o surgimento do “ciber-grrrlismo” como uma rebelião feminista popular na Internet e os perigos do utopismo virtual. Wilding (1998), enfatiza a importância de compreender a história feminista, incorporar lutas passadas no ativismo contemporâneo e forjar alianças com diversos grupos de mulheres envolvidas em tecnologia. Ela defende um ciberfeminismo politicamente inteligente e afirmativo que combina teoria com uma política disruptiva ousada para desafiar estruturas patriarcais no mundo digital.

Wilding (ibidem) destaca as estratégias das artistas feministas no movimento ciberfeminista. Ela observa que existem diversas abordagens, desde a participação em grupos informais até a criação de zines e projetos artísticos. No entanto, ela critica algumas “ciber-grrrls” por adotarem uma postura anti-teórica e por reproduzirem, sem reflexão crítica, estereótipos sexistas da mídia popular. Para a autora, é essencial que as artistas feministas utilizem seu trabalho para criar imagens positivas e complexas das mulheres, rompendo com os estereótipos de gênero prevalentes na Internet e na mídia, e trabalhem em colaboração com teóricas acadêmicas e artistas populares para produzir novas representações femininas no ciberespaço e divulgar teorias acessíveis.

1 Faith Wilding é uma artista, escritora e professora multidisciplinar, cujo trabalho aborda aspectos da história somática, psíquica e sociopolítica do corpo. Recentemente, ela colaborou com o Critical Art Ensemble no projeto *Flesh Machine*. O Critical Art Ensemble é um coletivo de cinco artistas de nova geração que exploram as interseções entre arte, teoria crítica, tecnologia e ativismo político.

Em outro artigo, *Notes on the Political Condition of Cyberfeminism*, Wilding (1998) enfatiza que as novas mídias de comunicação não são automaticamente libertadoras e que o ciberespaço é uma zona contestada. Ela questiona como as artistas feministas podem criar intervenções além das representações de gênero estereotipadas encontradas na Internet. A autora destaca a importância do conceito de hibridismo para substituir imagens padronizadas e estereotipadas por representações mais fluidas e híbridas das mulheres. Menciona apresentações que exploram uma teoria do “corpo ciberfeminista”, concebendo o corpo como um banco de dados de intensidade, não como um objeto singular.

A autora ressalta a emergência de uma arte centrada no corpo no ciberespaço, que inclui trabalhos apaixonadamente incorporados em textos, imagens e interações. Além disso, ela argumenta que projetos de desconstrução que abordam os códigos culturais, de gênero e sexuais dominantes na Internet serão mais eficazes se tiverem uma base libidinal forte e forem informados pela história das mulheres e pela teoria feminista. Neste artigo podemos observar algumas obras e intervenções que a autora utiliza para ilustrar suas ideias, sendo uma delas a do grupo “-Innen”, composto por cinco artistas e críticos de mídia cujo trabalho comenta sobre mulheres e tecnologia (Figura 4).

Figura 4: Mousepad distribuído pelo coletivo -Innen durante a sua ação New Media-Old Role, durante a feira de computadores em Hannover, 1996.



Fonte: Wilding, 1998, p.48.

Após a virada do século, houve continuidade na produção de manifestos, como o “Las cyborgs – Ciberfeminismo”², sem autoria, publicado em 2001, que aborda a presença das mulheres no mundo eletrônico e discute o movimento ciberfeminista. Fundamenta-se na ideia de que, juntamente com a tecnologia, é possível construir a identidade, sexualidade e gênero de forma livre e além dos estereótipos, buscando entender e resistir às desigualdades de gênero no universo tecnocientífico atual, onde ainda há poucas mulheres em posições de liderança e programadoras são minoria.

O manifesto descreve o movimento ciberfeminista como amplo, destacando uma de suas encarnações mais populares, o “cibergrlismo”, em que as garotas se conectam e atuam no ciberespaço. As ciberfeministas evitam se definir de forma rígida e rejeitam estereótipos, buscando criar novas identidades e subjetividades na Internet. A era ciborgue é vista como uma oportunidade para a construção de novas identidades e subjetividade, na qual as mulheres cibernéticas poderão criar uma política feminista adequada às novas condições culturais, nas quais as tecnologias globais são parte integrante.

Para costurarmos a relação entre a cibernética e arte feminista, retomamos ao trabalho de Marina Lemos (2009), que nos descreve que a criatividade artística é um elemento importante do ciberfeminismo e sua característica mais intrínseca: “(...) o feminismo e a arte feminista, insistiram na importância do gênero como uma ordem absolutamente social e como uma política de dominação em todas as camadas da sociedade, camadas públicas ou pessoais” (Lemos, 2009, p. 22). Isto é, a arte se tornaria uma das primeiras formas de comunicação desse movimento e muito significativa para assimilarmos a crítica às estruturas de opressão de gênero. Podemos perceber isso ainda hoje, quando muitas mulheres artistas usam sua arte para fazer diversas críticas ao patriarcado, e notamos uma fácil assimilação e engajamento nessa forma de comunicação – e o meio cibernético foi e é essencial para trocarmos e disseminarmos tais críticas.

O contexto brasileiro e da América Latina

De acordo com Lemos (2009), o ciberfeminismo, devido à sua capacidade de se apropriar das tecnologias de comunicação para fins de ativismo, adquiriu diversas nuances e apresentou adaptações singulares em várias partes do mundo. Essas adaptações e nuances refletem não apenas as diferenças culturais, mas também as diferenças teóricas que permeiam o cenário do movimento ciberfeminista. A análise da jornalista Tatiana Wells (2005) no artigo intitulado *O ciberfeminismo nunca chegou à América Latina*.

O estudo de Wells (2005), teve por objetivo analisar as discrepâncias teóricas e culturais que distinguem o movimento ciberfeminista na América Latina, notadamente no Brasil, daquele vigorosamente manifestado nos Estados Unidos, Austrália e Europa, regiões onde o movimento havia alcançado maior expressão e discussão. Como principal justificativa para essa disparidade, Wells destacou, em primeiro lugar, a carência de um diálogo público abrangente sobre as relações entre gênero e tecnologia na região.

A jornalista ressalta neste artigo que parte dessas diferenças substanciais e assimetrias teóricas e culturais entre as regiões pode ser atribuída à escassa presença de um debate público robusto relacionado à interseção entre gênero e tecnologia na América Latina. Esse déficit de discussões abertas e críticas em relação a esses temas impactou o desenvolvimento do ciberfeminismo na região.

Wells (2005), faz observações significativas sobre a chegada do ciberfeminismo ao Brasil e à América Latina. Segundo a autora, o ciberfeminismo não se estabeleceu com a mesma força que em outros países devido à escassez de debate público em relação às questões de gênero e tecnologia, abrangendo tópicos como biotecnologia, cibernética e outros. Entretanto, ela destaca os esforços notáveis de grupos, centros e organizações não governamentais que, mesmo diante das assimetrias tecnológicas, continuam a se empenhar na inclusão das mulheres nas redes digitais. Portanto, é fundamental reconhecer que as perspectivas do deste movimento não são uniformes, e seu alcance e impacto podem variar significativamente dependendo do contexto cultural e geográfico.

Segundo Lemos (2009), no contexto brasileiro, especificamente, organizações feministas atuantes na esfera da saúde, engajadas em tópicos como bioética, reprodução assistida, contracepção, transgênicos e genética, reconheceram a ausência de discussões significativas sobre essas questões em âmbito público. Isso era notável devido à tendência da mídia em negligenciar a exploração desses temas, o que levou à falta de conscientização entre a população. Em resposta a essa carência, um esforço surgiu na segunda metade dos anos 90, com o propósito de ampliar a visibilidade das questões relacionadas à tecnologia e ao gênero.

Um dos grupos mencionados por Lemos (2009), em um diálogo com Wells (2005), é o CEMINA (Comunicação, Educação e Informação em Gênero), uma Organização Não Governamental que teve suas atividades iniciadas na década de 1980 (Figura 5). Segundo a autora, esse grupo teve um papel importante ao inserir mulheres na indústria radiofônica e também desenvolveu projetos relacionados à tecnologia e gênero. A autora também aborda esse desenvolvimento, destacando que após cinco anos desde o início do projeto, o próprio CEMINA expressou surpresa diante dos resultados alcançados. Além dos recursos obtidos por meio de doações, que totalizaram cerca de 500 mil dólares, parcerias estratégicas foram estabelecidas, o que efetivamente permitiu a implementação de rádio-telecentros dedicados às mulheres em várias partes do país.

Essa iniciativa capacitou mulheres, conhecidas como “Cyberelas”, que demonstraram um notável grau de motivação e capacidade empreendedora. Hoje, elas desempenham papéis ativos na administração dos centros radiofônicos comunitários em todo o território nacional, que promoveu a inclusão de comunicadoras populares em diferentes partes do Brasil, especialmente em regiões com baixo Índice de Desenvolvimento Humano e alta exclusão digital. Essa transformação evidencia a capacidade de adaptação e o impacto positivo das ações do CEMINA no âmbito do ciberfeminismo no Brasil.

Além disso, o projeto *Software Livre Mulheres* também foi mencionado por Lemos (ibid). Se tratou de uma iniciativa datada de 2004, que envolve um coletivo de mulheres engajadas na comunidade de Software Livre e que compartilham identificação com o *Projeto Software Livre Brasil*. Este projeto fornece um espaço virtual destinado à disseminação e análise de questões sob a perspectiva feminina. Importante notar que a participação não se restringe às mulheres; homens também são convidados a participar. Segundo a autora, o principal propósito do *Projeto Software Livre Mulheres* é promover, fomentar e engajar-se em iniciativas provenientes da comunidade de Software Livre, com foco na inclusão social e digital. Além disso, procura desempenhar um papel na construção de uma sociedade mais acessível, independentemente do nível de competência tecnológica dos usuários. É relevante enfatizar que o propósito do projeto transcende a mera condição de espaço para o público feminino; em vez disso, busca a abertura para o florescimento de múltiplas iniciativas, alicerçando-se em apoio proveniente de variadas esferas da sociedade, tanto públicas quanto privadas.

Figura 5: Website do grupo CEMINA.



Fonte: Lemos, 2009, p. 84

Esses exemplos fornecidos por Lemos (2009) ilustram vividamente a atuação destes grupos no contexto brasileiro. Eles enfrentaram questões específicas do país e, através de suas iniciativas, desencadearam reflexões essenciais sobre as mulheres e sua relação com as tecnologias de comunicação em rede. Esses esforços não apenas contribuíram para o movimento ciberfeminista, mas também se alinharam com um dos preceitos fundamentais delineados por Donna Haraway (1984), que enfatizou a importância de “utilizar as tecnologias de rede para a modificação da realidade político-social das mulheres” (p. 47).

Esses grupos no Brasil não apenas abraçaram essa visão, mas também a traduziram em ações concretas. Ao explorar as nuances do ativismo ciberfeminista em uma sociedade com desafios distintos, eles demonstraram a flexibilidade e a adaptabilidade desse movimento em diferentes contextos culturais e geográficos. Sua capacidade de se ajustar e abordar as questões específicas do Brasil—que incluem desigualdades socioeconômicas, acesso limitado à tecnologia e disparidades de gênero—é um testemunho da eficácia do ciberfeminismo em desafiar e modificar realidades político-sociais em todo o mundo.

Um dos principais legados dessas iniciativas é o empoderamento das mulheres, especialmente aquelas nas comunidades mais marginalizadas. Eles não apenas forneceram acesso à tecnologia, mas também encorajaram as mulheres a serem participantes ativas na esfera digital, seja na criação de conteúdo, na expressão de suas vozes ou na formulação de questões políticas relevantes. Além disso, esses grupos abriram caminho para uma compreensão mais profunda e complexa das interações entre gênero, tecnologia e sociedade no contexto brasileiro.

Assim, a influência desses esforços transcende a simples aplicação das teorias ciberfeministas. Eles contribuem para uma teia mais rica de experiências, reflexões e práticas que moldam as dinâmicas sociais no Brasil, trazendo à luz a importância do ciberfeminismo como um catalisador para a transformação social. Portanto, podemos considerar essas iniciativas como exemplares da capacidade do ciberfeminismo de mobilizar as tecnologias de rede em prol da emancipação e da mudança, estendendo-se a uma realidade política e social mais equitativa e inclusiva.

Conclusion

Desde seu surgimento até a atualidade, o ciberfeminismo não é um movimento único, se apresentando de diversas formas e em diferentes grupos. Sadie Plant (1996), por sua vez, afirma não haver uma liderança de identidade singular e que não devemos buscar uma essência única ou autêntica da mulher, nem tentar resgatar um eu perdido no passado ou construir uma subjetividade ideal no presente. Em vez disso, devemos compreender que não há apenas uma ausência ou vazio, mas sim uma realidade virtual em evolução. Nesse processo emergente, a busca por uma identidade fixa é vista como um inimigo, pois afasta a matriz de potencialidades das quais as mulheres sempre buscaram suas expressões.

Os novos movimentos sociais, no contexto da pós-modernidade, questionaram a concepção de identidades fixas, tal como Plant (1996), provocando assim um descentramento conceitual das identidades. Segundo Stuart Hall, em *A Identidade Cultural na Pós-modernidade* (2001), A ideia central apresentada é que as identidades são construções fluidas e em constante conflito, sendo insuficientes para representar plenamente o complexo processo de subjetivação e interações sociais. O sujeito é influenciado pela interação com os outros, e as esferas do “eu” e do “tu” são indissociáveis, formando uma relação intrincada. Hall (2001), destaca que a compreensão da construção identitária revela que as identidades são formadas pela diferença e pela relação com o outro, ao invés de serem estáticas e isoladas. Cada termo identitário é construído a partir da relação com aquilo que falta, com seu exterior constitutivo.

Nessa conjuntura, a Internet e suas redes tecnológicas desempenham um papel fundamental na disseminação de discursos descentralizadores e diversos. As redes ciberfeministas se tornaram espaços de experimentação estética e tática, impulsionadas pelo Manifesto Ciborgue de Haraway (1985), propondo uma renovação política e, sobretudo, espacial para o feminismo. O movimento ciberfeminista surgiu com várias correntes e tendências, alinhando-se às possibilidades ativistas potencializadas pelas novas tecnologias.

Nesse contexto, a arte desempenha um papel crucial na discussão identitária, utilizando as tecnologias de comunicação para articular o feminismo, questionar as estruturas de gênero e promover uma nova forma de narrativa e subjetividade. Em conjunto com as redes sociais, elas desempenham um papel fundamental na disseminação dos discursos ciberfeministas e na construção de uma nova ordem política e estética em conjunto com as manifestações que ocorrem no universo físico, sendo a arte o principal elemento de disseminação, como podemos ver em cartazes de manifestações como a “Marcha das Vadias” (Figura 6).

É inegável que o movimento ciberfeminista teve e continua tendo um impacto significativo na sociedade, possibilitando mudanças libertadoras no padrão cultural da mulher, graças ao acesso a novas tecnologias e à troca infinita de informações. No entanto, é importante ter consciência de que nem tudo são flores no ambiente digital. A desinformação, a pornografia de vingança, o bullying e os ataques racistas, bem como o anti-feminismo, são apenas alguns dos desafios que precisam ser enfrentados no espaço cibernético.

Sendo assim, é imprescindível refletir sobre a interseção entre o ciberespaço e o feminismo. Os ativismos on-line e off-line estão cada vez mais conectados, tornando-se ferramentas complementares indissociáveis, com diferentes papéis no movimento feminista, entre outros movimentos sociais. À medida que nos tornamos ciborgues em nosso envolvimento com a tecnologia, é fundamental entender que o ativismo e o espaço virtual estão interligados, e essa relação é uma parte intrínseca da luta feminista nos dias atuais.

Figura 6. Cartaz para a Marcha das Vadias do RJ, produzido em 2014, por Bárbara Gondar, criadora do zine feminista e página do Facebook “Xereka”



Fonte: <http://marchadasvadiasrio.blogspot.com/>

References

- Ferraz, C.P. (2019). *Ciborgues e Ciberfeminismo no Tecnocapitalismo*. Atena Editora.
- Hall, S. (2001). *A Identidade Cultural na Pós-modernidade* (4ª edição). DP&A.
- Haraway, D., Kunzru, H., & Tadau, T. (Eds.). (2000). *Antropologia do Ciborgue: As Vertigens do Pós-Humano*. Autêntica.
- Haraway, D. (1985). A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century. In D. Haraway, (Ed.), *Manifestly Haraway* (pp. 149-181). University of Minnesota Press.
- Hawthorne, S., & Klein, R. (1999). *Cyberfeminism: connectivity, critique and creativity*. Spinfex Press.
- Kunzru, H. (2009). Você é um ciborgue. Encontro com Donna Haraway. In D. Haraway, H. Kunzru, & T. Tadeu (Eds.). (2009). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano* (pp. 17-32). Autêntica.

- Kunzru, H., & Tadeu, T. (2009). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano* Autêntica.
- Lemos, M. (2009). *Ciberfeminismo: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas* [Tese de Mestrado, PUC-SP]. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/5260>
- Plant, S. (1996). On the Matrix: Cyberfeminist Simulations. In R. Shiels (Ed.), *Cultures of Internet*. Sage.
- Plant, S. (1997). *Zeros+Ones: Digital women+the new technoculture*. Fourth Estate.
- Steffensen, J. (1998). *Slimy metaphors for technology: 'the clitoris is a direct line to the Matrix'*. eWRe electronic Writing Research ensemble.
- Wells, T. (2005). O ciberfeminismo nunca chegou à América Latina. *Labrys, estudos feministas / études féministes*.
- Wilding, F. (1998). Notes on the Political Condition of Cyberfeminism. *Art Journal, Summer*.
- Wilding, F. (1998). Where is the Feminism in Cyberfeminism? *n.paradoxa; international feminist art journal*, 3.

Author

Thaysa Malaquias. Master's in Architecture from the Postgraduate Program in Architecture at the Federal University of Rio de Janeiro (PROARQ-UFRJ), specializing in Thought, History, and Criticism (2018). Graduated in Architecture and Urbanism from the Federal University of Rio de Janeiro (2013). Holds a specialization in the course "Cities, Politics, and Social Movements" at the Institute of Urban and Regional Research and Planning at the Federal University of Rio de Janeiro (2021). Currently pursuing a Ph.D. in Architecture at PROARQ-UFRJ. Member of the LabLugares research group-PROARQ-UFRJ and co-founder and member of the Feminist Collective Não Me Kahlo.

Declaration

Conflict of interest

I have no conflicts of interest to disclose.

Acknowledgment

This work was supported by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)

Funding

No financial assistance from parties outside this article.

Notes

This article is not the product of previous research.